Acervo ISA

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL Documentação
Fonte ISTO É
Data 19/7/95 Pg 30-1
Class. 943

FOTOS: STEIN/PAPA LUZ

O ex-cacique Dorvalino com a família: briga política e morte do filho

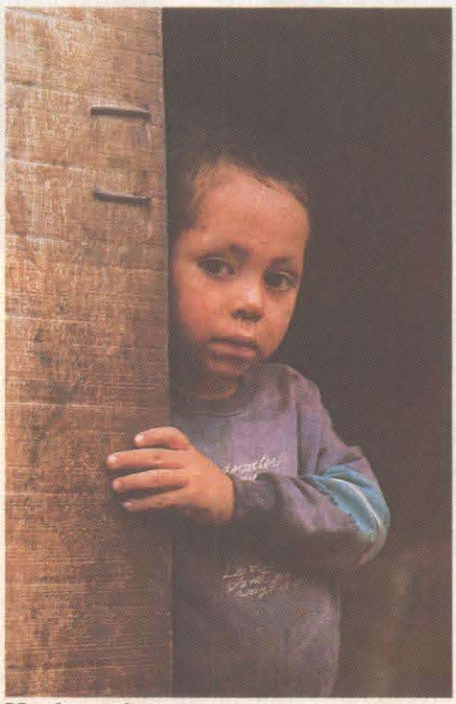
ÍNDIOS

Órfãos do paraíso

Crianças caingangues morrem de fome em região riquíssima na produção de alimentos no RS

PAULO CÉSAR TEIXEIRA, DE RODEIO BONITO (RS)

As águas barrentas do rio da Várzea cortam uma das regiões mais ricas em alimentos no País. Riscam também uma fronteira entre a fartura e a miséria no noroeste do Rio Grande do Sul, junto à divisa com Santa Catarina. De um lado, vivem os colonos italianos, alemães, russos e poloneses, em terras cuja fertilidade dispensa o uso de adubos para a produção de milho, feijão e soja. Na outra margem, quase 400 índios caingangues – "povo diferente", na língua nativa – se amontoam em casebres de madeira, junco ou lona em encostas íngremes e rochosas. A comida é escassa. Entre os colonos, a mortalidade infantil é de Primeiro Mundo, 16 mortes de crianças até um ano para mil nascimentos. Basta cruzar o rio e entrar na aldeia caingangue para que a taxa alcance taxas comparáveis às de países africanos paupérrimos como Angola e Moçambique – 140 óbitos por mil nascimentos (projeção). "Os pequenos caingangues estão morrendo de fome", afirma o médico Paulo Savaris, delegado regional de Saúde.



Menino caingangue: sem esperança

Não é exagero. Entre abril e maio deste ano, Savaris constatou a morte de sete crianças por desnutrição (falta de proteína animal) e desidratação, na reserva de 16,9 mil hectares (250 de lavoura), entre Rodeio Bonito e Liberato Salzano, a 420 km de Porto Alegre. "Deu desarranjo e vômito, e o menino se foi", conta Jurassilda, mãe de Lucas, que morreu antes de completar seis meses. Outra criança indígena morreu por complicações de um parto prematuro, fato associado pelos médicos à debilidade do organismo da mãe. A falta de proteína na alimentação dos índios é consequência direta da escassez da caça e não é problema exclusivo dos caingangues do sul (*leia quadro na página ao lado*). Com a derrubada das matas, os animais fogem da reserva e acabam mortos por fazendeiros no campo. O quadro se completa com a falta de saneamento básico. No rio da Várzea, as crianças pisam a lama contaminada com o esgoto a céu aberto. Uma pesquisa feita pela Secretaria Estadual da Saúde comprovou que 100% dos índios até cinco anos dessa aldeia sofrem de verminose, 50% têm anemia e 48% apresentam peso abaixo do padrão normal para a idade.

Em contraste, a cobertura de vacinas atinge 78,6% das crianças brancas na região. Entre os colonos, ninguém morre de fome. As principais causas de morte no noroeste gaúcho são enfarte (por causa da gordura do churrasco), câncer de esôfago (devido ao hábito de beber chimarrão muito quente) e doenças respiratórias (em função do frio e da umidade). "Dinheiro é pouco, mas comida tem à vontade", atesta Darci Squinal, 52 anos, dono de uma pequena propriedade rural em Rodeio Bonito. Amigo e vizinho dos índios, Squinal chegou a batizar três crianças na reserva do outro lado do rio. "Caçava junto com eles e até emprestava uns trocados. Hoje, não arrisco. A aldeia virou uma bagunça."

Até a chegada do branco, os caingangues dominavam todas as regiões de planalto no Sul e Sudeste do País, junto com os xokléng, enquanto os guaranis eram os senhores das planícies do litoral. Tudo começou a mudar em 1824, com a chegada dos primeiros colonos alemães, e

Acervo ISA

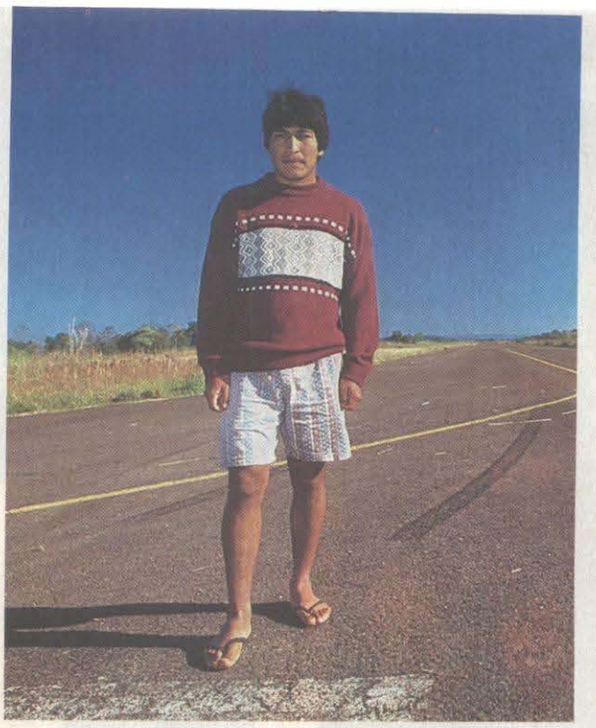
INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL Documentação
Fonte: ISTO É
Data: 19/7/95 Pg: CONT.
Class. 943

50 anos depois, com a imigração italiana. "O avanço da colonização foi um desastre para os índios. Os brancos davam cachaça a eles para usurpar suas terras", diz o etnólogo José Otávio de Souza, do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), em Porto Alegre. Hoje, os caingangues vivem como bóias-frias ou da venda de artesanato à beira das estradas.

No rio da Várzea, a situação se agravou no ano passado com a vinda inesperada de 35 famílias da aldeia de Votouro (60 km distante), onde os índios se dividiram depois de uma briga política. O ex-cacique de Votouro Dorvalino Forte, 39 anos, do PT, entregou o cargo e arrumou as trouxas para evitar uma guerra com o grupo liderado pelo novo cacique, Batista de Oliveira, do PMDB. "Achei que ia correr sangue e dar morte", diz Dorvalino, que teve um dos nove filhos morto por desnutrição em abril deste ano. Outra índia que perdeu um filho é Jandira, 22 anos. "O piá sempre foi magro. Aí deu diarréia e febre, e ele não resistiu. Agora, meu sobrinho está igual. Já levamos duas vezes o nenê na cidade e ele continua ruinzinho."

As mortes no rio da Várzea podem também estar ligadas a um fenômeno novo na história da convivência entre índios e brancos no Brasil. "Estamos assistindo à reversão de um processo secular. A população caingangue cresce entre 8% e 10% ao ano", afirma o etnólogo Souza, do Iphan. Dos 8,5 mil caingangues do noroeste gaúcho, 5,3 mil são crianças com menos de dez anos e 2,1 mil têm menos de cinco. Aparentemente, os índios estão mais resistentes ao contato com o branco e não morrem mais de gripe, como antes. O problema é que as reservas não têm estrutura de saneamento para abrigar a prole cada vez mais numerosa. A cena seguinte dessa tragédia de 500 anos é a favelização das aldeias próximas às cidades.

Para amenizar o sofrimento dos índios, o médico Paulo Savaris quer construir fontes naturais protegidas por pedras, por onde a água verteria sem risco de contaminação. Outra opção – mais complicada – é a instalação de sanitários na aldeia, o que contraria hábitos seculares dos índios. Nada é mais prioritário para os índios, no entanto, do que a demarcação de suas terras. A reserva do rio da Várzea é, na verdade, um parque ecológico estadual ocupado pelos caingangues. "O Estado é sabidão. Pegou a terra dos índios", diz Wilson, 42 anos, um dos líderes da reserva. "A bem dizer, o Brasil todo era nosso. Estamos pedindo só o que sobrou."



O líder Roberto no aeroporto dentro da reserva: vôo cancelado

A terra dos índios serviu até para uma tentativa frustrada de reforma agrária. Nos anos 60, o ex-governador Leonel Brizola forneceu títulos de posse de áreas indígenas aos colonos sem terra. Hoje, há 40 mil hectares que eram dos índios e passaram às mãos do governo gaúcho. Uma das raras aldeias que já conseguiram retomar suas terras é a de Iraí, 100 km acima de Rodeio Bonito. Há quatro anos, os índios expulsaram os colonos e recuperaram uma área de 279 hectares, que pertencia ao município. A prefeitura chegou a construir um aeroporto dentro da reserva indígena. "Na época do descobrimento, a terra era deles, mas agora é nossa", justifica o vice-prefeito de Iraí, Luiz Baldin (PPR). O município entrou na Justiça para recuperar a área, mas o fato é que lá não sobe ou desce avião desde 1992.

A exceção foi o atual governador, Antônio Britto, ainda durante a campanha eleitoral de 1994. Desavisado, Britto desceu num jatinho e foi logo cercado pelos índios. Deram dez minutos para ele se retirar. Na dúvida, o governador mandou o piloto levantar vôo e descer em Chapecó, do outro lado da divisa com Santa Catarina. "A pista está interditada e não é porque o sujeito usa gravata que vai desrespeitar a regra", explica o líder da reserva, Roberto, aliás Pẽnrõkãng, ou "Rocha" na língua caingangue, 26 anos. Desde o incidente, o aeroporto de Iraí, o maior da região do Alto Uruguai, é ocupado apenas pelas crianças caingangues, que jogam bola na pista de pouso como se ainda vivessem um tempo de paz. ■

Cumbuca vazia

A fome entre os índios brasileiros está aumentando. Esta é a constatação do Mapa da Fome que o Instituto de Estudos Socio-Econômicos (Inesc) está elaborando, com base em pesquisas realizadas em todo o País. O resultado final será apresentado na primeira quinzena de agosto. O quadro de fome entre as tribos aumentou no mínimo 20% nos últimos 12 meses, afirma o antropólogo Ricardo Verdun, coordenador da pesquisa. "Não tínhamos ilusões quanto a possíveis melhoras. Mas a realidade é bem pior."

A situação é crítica no Centro-Oeste e Nordeste, onde 84,62% e 83,9% dos índios, respectivamente, estão famintos. No Sudeste, 48,82% passam fome e no Sul 46,89% têm dificuldades para achar alimentos. Não por acaso, as tribos do Norte, embrenhadas na selva e isoladas do contato com o branco, sofrem menos. Apenas 3,16% passam fome. No total, dos 129.858 índios pesquisados, mais da metade, 58,73%, tem alimentação insuficiente. "Muitas reservas precisam ser ampliadas, com áreas de caça e pesca protegidas", diz o antropólogo Verdun.

Eduardo Hollanda